



Interfaces em Desenvolvimento, Agricultura e Sociedade

Continuar, substituir ou diversificar? A percepção de
agricultores familiares sobre a produção de tabaco no
Vale do rio Pardo – RS

Continue, substitute or diversify? Family farmer's
perception about tobacco production in
Vale do rio Pardo – RS

Marcelo Moraes de Andrade¹

Leonardo Xavier da Silva²

Resumo

O objetivo deste artigo é analisar a percepção de agricultores familiares em relação ao cultivo de tabaco, tendo como referência a decisão de produtores e ex-produtores da microrregião do Vale do Rio Pardo – RS, sobre a permanência ou substituição dessa atividade. A pesquisa possui cunho quali-quantitativo,

¹ Doutorando em Sociedade, Natureza e Desenvolvimento, Universidade Federal do Oeste do Pará (UFOPA), Brasil.

² Professor do Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Rural (PGDR) da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), Porto Alegre, Brasil. Tem experiência na área de Economia, com ênfase em Economia rural, atuando principalmente nos seguintes temas: desenvolvimento rural, agricultura, agricultura familiar, política econômica e agricultura brasileira.

tendo sido entrevistados 63 agricultores. Os dados foram analisados a partir da análise de conteúdo (qualitativa) e estatística descritiva (quantitativa). Como recurso analítico, foram utilizadas abordagens sobre processos cognitivos, percepção e tomada de decisão de áreas da economia e administração. Constatou-se que a maioria dos agricultores possui percepção negativa da produção de tabaco e suas decisões em relação à permanência ou substituição do cultivo são tidas como fruto de necessidades de reprodução da família ou reações as suas impressões da atividade. As percepções e consequentes decisões dos agricultores podem ser explicadas por um conjunto variado de fatores que agem de modo a produzir distintos comportamentos. A decisão por cultivar tabaco é o resultado da sucessão da atividade desenvolvida pelos pais dos agricultores e pelas garantias do sistema integrado de produção. As decisões no sentido de deixar de produzir tabaco são resultantes de uma estrutura complexa de metas, mais ou menos hierarquizadas e sujeitas a contradições internas e externas.

Palavras-chaves: *Percepção, Produção de tabaco, Decisão.*

Abstract

In this paper, the purpose is to analyze family farmers perception about the tobacco cultivation. The reference is the decision of the producers and ex-producers placed in Vale do Rio Pardo Micro region in relation to keep or to replace this activity. The characteristic of the research was quali-quantitative, being 63 farmers interviewed. Database was studied from content analysis (qualitative) and from descriptive statistics (quantitative). As investigative way, it was utilized approaches about cognitive process, perception and decision-making related to Economics and Administration areas. It was observed the prevalent part of farmers get negative perception of tobacco culture and their decisions about to keep or to change of its cultivation are taken as result of demands of familiar reproduction or reactions to their perception about the activity. Farmers' perceptions and consequent decisions can be explained for a vary set of reasons that act to produce several behaviors. The decision for cultivating tobacco results of succession of the activity of parents and of warranties of the integrated system of production coordinated by industry. The decision of leaving the production of tobacco is resultant of a complex structure of goals established by farmers, in a more or less hierarchical way and submitted to internal and external contradictions.

Keywords: *Perception, tobacco production, decision.*

1. Introdução

Os processos de percepção das situações e o raciocínio são básicos para a explicação do comportamento humano: o que uma pessoa aprecia e deseja influencia o que vê e interpreta, assim como o que vê e interpreta influencia o que ela aprecia e deseja. Em outros termos, a pessoa decide em função de sua percepção das situações (CHIAVENATO, 2000).

As abordagens tradicionais do estudo sobre tomada de decisões sempre enfatizaram a racionalidade. De acordo com Robbins (2005, p. 94), tais abordagens “minimizaram, quando não ignoraram totalmente, o papel da ansiedade, do medo, das frustrações, das dúvidas, da felicidade, do excitamento e de outras emoções semelhantes”. Segundo o autor, para tomar suas decisões, as pessoas utilizam processos emocionais, tanto quanto racionais e intuitivos.

É o processo de percepção que transforma a realidade em um padrão que os agentes possam reconhecer. A percepção é também definida como o produto da interação entre o estímulo e o observador. Nessa interação, o estímulo influencia o observador e é por ele influenciado (MAXIMIANO, 2007). A percepção é tributária da memória e esta, por sua vez, é tributária do meio em que cada ser humano cresceu e se desenvolveu (PEREIRA; FONSECA, 1997).

Se levarmos em conta que a decisão é tributária da percepção e a percepção é tributária da estrutura da memória e da rotina, compreendemos que todas as decisões que tendem a nutrir a permanência desafiam menos o equilíbrio estrutural da rotina. As

decisões que nutrem o movimento tendem a desafiar mais esse equilíbrio estrutural (PEREIRA; FONSECA, 1997).

São escassos no Brasil estudos que objetivam avaliar os fatores que influenciam a tomada de decisão de agricultores (DUTRA; MACHADO; RATHMANN, 2008). Considerando que os agricultores familiares fazem parte de um setor da economia, a agricultura, é comum que a maioria dos estudos esteja voltada para análise da dinâmica produtiva, enfatizando fatores econômicos, tais como a área plantada, os custos de mão de obra, os mercados e a ação de tecnologias sobre esses fatores (CARNEIRO, 2008). Para a referida autora, mormente, “[...] nessas análises, o adjetivo ‘familiar’ só é acionado para caracterizar a equipe de trabalho” (CARNEIRO, 2008, p. 153).

A produção de tabaco praticada no Sul do Brasil é desenvolvida por famílias nas quais as condições de produção as submetem a um cotidiano de contato com agrotóxicos, numa atividade que exige praticamente um ano de trabalho e dedicação, em que o retorno financeiro nem sempre está de acordo com os esforços despendidos. Contudo, essa mesma atividade apresenta-se como alternativa de renda a agricultores familiares por garantir financiamento, assistência técnica e salvaguarda de mercado para venda da produção, por meio do Sistema Integrado de Produção de Tabaco – SIPT (ZOTTI, 2010).

O que mais atinge as famílias de agricultores de tabaco, por um lado, são os fatores que as tornam submetidas a um cenário de empresas multinacionais, as quais operam com elevados níveis de lucratividade. Mas por outro, em decorrência das condições de produção do tabaco, os agricultores se veem submetidos a uma rotina de trabalho

pesado, vigilância severa do processo produtivo e posição subalterna nas negociações que lhes dizem respeito (FERREIRA, 2006). Neste circuito, os ganhos no comércio internacional estão longe de ser partilhados com as famílias de agricultores. As preocupações de organismos especializados no tema são evidentes, as declarações, as propostas e as recomendações das conferências internacionais e locais são precisas e bem intencionadas, porém, os desequilíbrios sociais são cada vez mais evidentes, bem como a concentração de renda (GIOVENARDI, 2003).

Na coletânea de estudos organizada por Leppan, Lecours e Buckles (2014), na qual os autores dedicaram-se a reunir evidências empíricas em diversos países produtores de tabaco que desconstróem os mitos criados pela indústria como forma de legitimação de suas atividades, os autores corroboram com a perspectiva de que os produtores de tabaco estão diante de uma situação de subordinação em relação às indústrias. Eles evidenciaram que a problemática relativa ao cultivo e uso do tabaco não está restrita apenas às questões ambientais, de saúde e conflitos sociais, mas trata-se de um problema de desenvolvimento. Para os autores, é imperativo, para superação dessa situação, a criação de alternativas econômicas sustentáveis que considerem processos que promovam a diversificação produtiva desses agricultores. Assim, as ações com esse viés devem estar vinculadas a uma ampla estratégia de desenvolvimento rural, abrangendo a utilização de terras, reformas políticas e programas sociais. Isto significa investir em uma estratégia de desenvolvimento multifacetada.

Diante disso, este estudo objetiva analisar a percepção de agricultores familiares em relação ao cultivo de tabaco, tendo como

referência produtores e ex-produtores da microrregião do Vale do Rio Pardo – VRP, no estado do Rio Grande do Sul. A reflexão proposta sobre a percepção dos agricultores em relação à produção de tabaco, além de evidenciar a apreensão que os agricultores possuem dessa atividade, contribui com o entendimento de suas estratégias na busca por autonomia, diversificação produtiva e fontes alternativas de renda. Este artigo é elaborado a partir de dados de pesquisa de campo realizada em sete municípios do VRP no ano de 2013, e compõe a dissertação de mestrado que teve como objetivo analisar o processo de racionalidade que sustenta a opção de agricultores familiares em produzir ou deixar de produzir tabaco, defendida em abril de 2014.

O artigo está dividido em cinco partes, além desta introdução. A segunda parte apresenta e discute o referencial teórico utilizado na análise. Na terceira parte apresenta-se a metodologia utilizada na pesquisa. A quarta parte expõe um breve resgate histórico da produção do tabaco no VRP. Em seguida, são apresentados e discutidos os fatores que constituem a percepção dos agricultores sobre a produção de tabaco e que balizam suas decisões sobre produzir, diversificar ou substituir essa atividade. Na quinta e última parte estão algumas considerações finais.

2. Processos cognitivos, percepção e decisão: o ser humano como agente reflexivo

A cognição está relacionada a um processo “[...] pelo qual as pessoas emitem juízos e tomam decisões a partir das interpretações dos

eventos que ocorrem a sua volta, das atitudes e atos das outras pessoas” (MEIRELES; SANCHES, 2009, p. 9). O processo cognitivo refere-se à definição da situação para a especificação de objetivos — definição dos meios para alcançar os fins. A cognição interfere no processo de formação de objetivos porque os parâmetros usados como critérios de escolha raramente representam valores definitivos. Ao contrário, eles refletem as relações entre meios e fins e, conseqüentemente, modificam-se à medida que mudam as convicções a respeito dessas relações (MARCH; SIMON, 1970).

Os indivíduos agem racionalmente com relação a um conjunto de dados característicos de determinada situação (MARCH; SIMON, 1970). Disso, depreende-se que tais processos de avaliação, tanto na forma de interpretar quanto de dar significado às situações, são os determinantes das emoções que gerarão os pensamentos que orientarão o comportamento individual (MEIRELES; SANCHES, 2009). Assim, “[...] as operações cerebrais que objetivam a cognição reportam-se à vida do agente, à comunidade onde está inserido, a um tempo e a uma sociedade” (VOSS, 2009, p. 256).

A percepção é uma interpretação singular da situação ou estímulo. Cada observador representa a realidade a sua maneira. A representação pode ser muito diferente da realidade, segundo a interpretação de outro observador (MAXIMIANO, 2007). No âmbito do processo decisório, as interpretações diferem de acordo com a intenção explicativa, incluindo os aspectos racionais, organizacionais, políticos, psicológicos e intuitivos (ANDRADE, 2010).

Toda escolha é significativamente influenciada pelas características estruturais da pessoa que decide (inteligência, *status* social, sexo, cultura, crenças, motivações, auto-organização, saúde, dinheiro etc.) e por seu estado emocional no momento da escolha (PEREIRA; FONSECA, 1997). Em vista disso, ao decidir, o indivíduo deve entender as causas de sua opção, numa tentativa de justificar para si próprio o motivo pelo qual está agindo de determinada maneira. Tal justificativa é entendida como uma avaliação que o orienta para discernir.

Desta maneira, para efetuar uma escolha, o indivíduo faz automaticamente uma avaliação com relação aos seus valores, com o objetivo de analisar se ela traz ganhos ou perdas. As avaliações baseadas nas crenças e valores irão definir a decisão, e este processo está associado ao que o indivíduo pensa de si em relação à circunstância em julgamento (MEIRELES; SANCHES, 2009).

Toda decisão envolve risco e fatores que escapam de nosso controle, como os ambientais, as estratégias e os recursos, gerando incerteza. Por estes motivos, tomar uma decisão é sempre estressante, e no momento em que cessa a ansiedade provocada pelas tensões da escolha, acontece um relaxamento geral no organismo (PEREIRA; FONSECA, 1997).

Na análise de North (2009, p.3), “[...] o sistema nervoso humano parece operar baseado em padrões, em lugar do pensamento abstrato e lógico. Embora cada pessoa tenha um processo de aprendizado próprio, crenças e percepções compartilhadas resultam de uma estrutura institucional e educacional comum”. Tais crenças e percepções

compartilhadas configuram uma herança cultural comum, constituindo o meio de transferência de uma geração para outra das percepções unificadas da sociedade (NORTH, 2009).

3. Percurso metodológico

A construção deste artigo é fundamentada em pesquisa empírica de cunho qualitativo (análise de conteúdo) e quantitativo (estatística descritiva). A amostragem da pesquisa caracteriza-se como do tipo intencional estratificada não proporcional.

O estudo foi realizado na microrregião do Vale do Rio Pardo – VRP, Rio Grande do Sul. A escolha desta microrregião justifica-se por sua relevância para o setor produtivo do tabaco no país, uma vez que possui forte relação histórica com a produção, o processamento, a comercialização e a exportação de tabaco (SILVEIRA, 2007). Sendo assim, foram efetuadas 63 entrevistas, com agricultores de sete municípios do VRP. Para a coleta de dados, empregou-se a entrevista como fonte elementar de informações, sendo utilizado como apoio um questionário semiestruturado, combinando perguntas fechadas e abertas.

Para facilitar a análise e exposição das informações dos agricultores, foi conveniente classificá-los em dois grupos: produtores e ex-produtores de tabaco (Tabela 1). Posteriormente, os agricultores foram reclassificados em quatro tipologias, segundo as atividades produtivas geradoras de renda. Assim, dentro do grupo de produtores de tabaco, criaram-se as tipologias de agricultores “especializados” e

“diversificados”, e dentro do grupo de ex-produtores de tabaco, as tipologias “abandonaram” e “substituíram”.

Tabela 1 – Distribuição das entrevistas de acordo com os municípios e por categoria de agricultor no VRP (2013).

Municípios	Número de entrevistas	Agricultores			
		Produtores de tabaco		Ex-produtores de tabaco	
		Especializados	Diversificados	Substituíram	Abandonaram
Santa Cruz do Sul	14	11	1	1	1
Venâncio Aires	18	11	4	2	1
Sinimbu	2	1	1	-	-
Vera Cruz	3	1	2	-	-
Vale do Sol	1	-	1	-	-
Herveiras	4	-	4	-	-
Rio Pardo	21	2	10	5	4
TOTAL	63	26	23	8	6

Fonte: Elaborado pelos autores a partir de dados da pesquisa de campo (2013).

Em relação aos agricultores especializados e diversificados, cabe destacar que, segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatísticas – IBGE (2006), um estabelecimento é considerado especializado se o valor da produção do principal produto agrícola ultrapassar 66% do valor total da produção do estabelecimento. Como esta pesquisa não contemplou análises de dados econômicos dos entrevistados, o critério adotado para definir um agricultor especializado foi o fato de ele produzir somente tabaco para comercialização. Tendo em vista que todas as famílias entrevistadas afirmam cultivar diversos alimentos para o autoconsumo, o fator determinante para a diferenciação entre agricultores diversificados ou especializados foi a prática de outra atividade de produção voltada à comercialização.

É importante ressaltar que a tipologia de agricultores que “abandonaram” o cultivo de tabaco contempla, na totalidade dos casos analisados, aqueles que deixaram de plantar tabaco por que se aposentaram e a aposentadoria passou a ser sua fonte de renda. Todavia, permanecem produzindo alimentos para autoconsumo.

4. De uso cerimonial ao uso sem cerimônias: o tabaco do passado ao presente

Na história da evolução do cultivo e industrialização do tabaco ocorreram diversas transformações. Em relação às indústrias processadoras, a máquina de confeccionar cigarros foi essencial para a acelerada disseminação do produto. O equipamento desenvolvido em 1881 (NEVES, 2010) revolucionou a indústria do tabaco, pois era capaz de produzir 120 mil cigarros por dia, bem mais que as 400 unidades que um funcionário podia confeccionar manualmente por dia, na época.

Deste modo, passado um século da chegada de Cristóvão Colombo à América, o tabaco tornou-se conhecido e usado em todo o mundo (ETGES, 1989). Desde então, o tabaco passou “[...] de planta mágica e sagrada para os indígenas da América, a uma das mercadorias mais valorizadas no mercado mundial” (ETGES, 1989, p. 38).

No entanto, o tabaco sempre dividiu opiniões em relação a sua aceitação, em 1556 já encontrava oponentes na Europa (NARDI, 1996). Naquela época, os consumidores também enfrentavam represálias e chegavam a ser castigados. A partir de 1986, as reivindicações por

melhores condições de produção e comercialização ocasionaram uma série de conflitos entre agricultores e agroindústrias (VOGT, 1997).

No início do século XX, quando começou a ser industrializado, o cigarro era um produto pouco usado e estigmatizado. Sua inserção e massificação no mercado contaram com uma estratégia que promoveu e modelou mudanças culturais que o tornaram símbolo de atratividade, liberdade, beleza, poder, *glamour*, emancipação, prazer e sensualidade. O cigarro passou a ocupar uma posição de ícone numa cultura de consumo emergente (FERRAZ; JOHNS; GOMES, 2013).

A partir da década de 1950, começaram a ser publicados estudos associando o tabagismo a diversas doenças. Em 1964, foi publicado pelo órgão americano *Surgeon General*, o primeiro relatório sobre fumo e saúde. O estudo consistiu na análise de mais de sete mil artigos científicos publicados ao longo de 30 anos e produziu evidências científicas que associavam o consumo de tabaco ao câncer de pulmão e de laringe, bem como principal causador de bronquite crônica (FERRAZ; JOHNS; GOMES, 2013).

Desde que o tabagismo passou a ser associado a doenças graves e fatais, somado ao crescente consumo em países em desenvolvimento, tem aumentado a preocupação de setores ligados à saúde e ao desenvolvimento em nível global (*WORLD BANK*, 1999). Dentre os principais problemas relacionados ao setor, destacam-se: doenças em decorrência do tabagismo; o uso inadequado de agrotóxicos; a doença da folha verde³; danos ao meio ambiente; trabalho infantil; divergências no

³ A doença da folha verde do tabaco é um tipo de intoxicação aguda causada pela absorção dérmica da nicotina, acometendo agricultores que trabalham

estabelecimento de preços e classificação do tabaco (VOGT, 1997); além do endividamento dos agricultores (VARGAS; OLIVEIRA, 2012).

Deste modo, a partir da preocupação com a progressiva expansão do consumo de tabaco, especialmente nos países em desenvolvimento, 190 países membros da Organização Mundial da Saúde – OMS propuseram, durante a 52ª Assembleia Mundial da Saúde – AMS, a adoção do primeiro tratado internacional de saúde pública da história da humanidade. A chamada Convenção-Quadro para o Controle do Tabaco – CQCT objetiva unir os países para a adoção de um conjunto de medidas para deter a expansão global do consumo de tabaco e suas consequências nocivas.

De acordo com estudos do *World Bank*, dentre as medidas mais efetivas para reduzir a prevalência e o consumo de produtos derivados do tabaco, o aumento de preço tem sido o mais recorrente. Segundo relatório elaborado pelo *World Bank* (1999), sobre o Programa Nacional de Controle do Tabagismo, o preço cobrado pelo cigarro no Brasil é barato demais.

5. A produção de tabaco no Vale do rio Pardo – VRP

O tabaco começou a ser cultivado no Rio Grande do Sul em 1824, na colônia de São Leopoldo. No ano de 1850, passa a ser cultivado também na colônia de Santa Cruz, com sementes procedentes de Havana, Cuba. Rapidamente o cultivo do tabaco destaca-se na economia

com a colheita da folha do tabaco, principalmente quando a planta esta molhada ou úmida, causando náusea, vômito, fraqueza, tontura e cefaleia (BIBLIOTECA VIRTUAL DE SAÚDE, 2010).

do município que, mais tarde, se tornaria “a capital mundial do fumo” (SEFFRIN, 1995), em virtude da instalação de empresas processadoras, da elevada produção e da importância da atividade na economia do município (PRIEB, 2005). A partir de 1853, o fumo já era apontado como um dos principais produtos cultivados na nova colônia (SEFFRIN, 1995).

No ano de 2012, a região Sul do Brasil concentrou 98% da produção de fumos claros para cigarros - destes, mais de 85% são destinados à exportação. O estado do Rio Grande do Sul é o maior produtor do país, com os maiores índices de produção, área e rendimento por hectare. Na balança comercial do estado, ainda no ano de 2012, o tabaco representou 10% das exportações do Rio Grande do Sul (KIST et al., 2012).

Segundo os resultados apresentados pelo IBGE, a partir de dados do censo agropecuário 2010, verificou-se que o cultivo de tabaco estava presente em 3% dos estabelecimentos rurais do país. Além disso, 72% destes estabelecimentos possuem caráter especializado (SILVA et al., 2013).

Para Silveira (2007, p. 31) “o espaço regional apresenta pronunciadas diferenças ambientais, socioculturais, econômicas e de organização política”. Especificamente, a microrregião do VRP representa um importante elo na indústria fumageira do Brasil, com cerca de 20% da produção nacional de fumo (VARGAS; OLIVEIRA, 2012). Contudo, a renda é muito concentrada, o que se reflete em fracos indicadores sociais e em outros desequilíbrios sociais na microrregião (PRIEB, 2005).

Levantamento realizado pela Associação dos Fumicultores do Brasil (Afubra) e pela Federação das Associações de Municípios do Rio Grande do Sul (Famurs), referente à safra 2009/2010 e publicado pela Associação dos Municípios do Vale do Rio Pardo – AMVRP (2012), revela a importância do cultivo do tabaco para o estado do Rio Grande do Sul e para a microrregião do VRP. Segundo o levantamento, que considerou vários fatores, são 28.122 famílias produtoras na microrregião do VRP, cultivando 58.756 ha, com uma produção de 78.751 t, envolvendo 73.143 trabalhadores na produção e na indústria (Tabela 2).

Tabela 2 – Dados do impacto da produção de tabaco na safra 2009/2010 nos municípios contemplados na pesquisa no VRP (2013) em comparação ao estado do RS e ao Brasil.

Municípios pesquisados	Famílias produtoras	Hectares plantados	Produção (t)	Nº trabalhadores indústria e produção
Venâncio Aires	5.159	11.123	21.389	19.650
Santa Cruz do Sul	4.209	8.128	15.847	23.500
Vera Cruz	2.546	5.050	9.836	11.891
Vale do Sol	2.907	6.339	12.344	6.200
Sinimbu	2.478	4.201	8.228	6.000
Rio Pardo	1.571	4.043	7.834	3.730
Herveiras	698	1.675	3.273	2.172
Totais	19.568	40.559	78.751	73.143
Dados RS	73.280	153.360	279.660	
Dados Brasil	222.110	405.110	726.050	

Fonte: Adaptado pelos autores a partir da AMVRP (2012) e de SILVEIRA et al. (2010).

No tocante à questão da geração de recursos e arrecadação fiscal, o mesmo estudo realizado pela Afubra e a Famurs apresenta dados que elucidam a importância do tabaco em termos de geração de valor e

arrecadação do Imposto sobre Circulação de Mercadorias e Prestação de Serviços – ICMS (Tabela 3). Os dados demonstram que o município de Venâncio Aires foi o que mais arrecadou com o tabaco em 2010, seguido por Santa Cruz do Sul e Vale do Sol.

Tabela 3 – Dados da geração de recurso e ICMS na produção de tabaco nos municípios do Vale do Rio Pardo.

Municípios pesquisados	Valor R\$	ICMS gerado prod. tabaco R\$	%	ICMS total municípios R\$	Orçamento anual 2011 (R\$)
Venâncio Aires	143.306.300,0	3.730.758,09	20,1	18.565.638,0	117.955.000,0
Santa Cruz do Sul	106.174.900,0	2.670.630,64	4,2	63.001.680,0	249.905.587,0
Vera Cruz	65.900.530,0	2.394.173,55	39,2	6.106.254,0	41.108.571,0
Vale do Sol	82.706.810,0	2.328.005,19	59,8	3.889.956,0	10.850.000,0
Sinimbu	55.126.260,0	1.381.376,98	40,5	3.412.248,0	18.766.716,0
Rio Pardo	52.487.800,0	1.140.325,99	10,9	10.500.630,0	39.850.000,0
Herveiras	21.931.780,0	772.645,26	61,0	1.266.594,0	9.615.994,0
Totais	527.634.380,0	14.417.915,7		106.743.000,0	488.051.868,0

Fonte: Adaptado pelo autor a partir do Boletim Informativo da AMVRP (2012).

Os dados apresentados são importantes para demonstrar o impacto do cultivo do tabaco em termos socioeconômicos para o VRP, no entanto, estudos que se proponham a estudar questões comportamentais de agricultores familiares ainda são incipientes. Muitas entidades se dedicam a avaliar dados econômicos, deixando de lado questões de ordem subjetiva, tais como a opção por uma prática agrícola em detrimento de outra. Ademais, a globalização da economia e a crescente articulação entre a produção agrícola e o conjunto das atividades econômicas têm contribuído para que a dinâmica de desenvolvimento da agricultura passasse a ter o seu funcionamento e sua modernização cada vez mais orientados e regulados pelas relações

de produção e distribuição globalizadas, em detrimento, especialmente nos países periféricos, da produção agrícola para a subsistência e melhoria da qualidade de vida da população rural (SILVEIRA; DORNELLES, 2010).

6. A percepção dos agricultores produtores de tabaco: racionalidade limitada e contradição

A suposição de que os seres humanos instituem critérios subjetivos na formação do modelo da situação quando precisam decidir é fundamental para entender suas percepções e seu processo de tomada de decisão. Um aspecto importante na conformação da percepção do agricultor familiar reside em seu discernimento sobre a cultura do tabaco.

Tendo em vista a conclusão de Simon (1965) de que a racionalidade depende do contexto e é limitada por ele, entende-se que é o processo de percepção que transforma a realidade em um padrão que os agentes possam reconhecer. Neste sentido, constataram-se entre os agricultores entrevistados duas percepções em relação ao cultivo do tabaco, uma negativa e outra positiva:

- i) **percepção negativa do cultivo do tabaco** – constituída por agricultores descontentes com a atividade, no campo da produção, reclamam da intensidade do trabalho, do risco à saúde pelo uso de agrotóxicos, do custo da mão de obra e de sua gradual diminuição, e dos altos custos de produção; na parte comercial, apontam os baixos preços pagos pelo fumo e o pouco poder de barganha nas negociações;

ii) **percepção positiva do cultivo do tabaco** – agricultores que encaram essa atividade com pontos positivos e negativos, como outra qualquer, demonstram gratidão com o conquistado por meio da atividade, representando importante fonte de renda e a possibilidade de permanecerem no meio rural.

Porém, entender como os agricultores formam suas percepções e decidem pela produção, substituição, abandono ou diversificação da produção de tabaco é tarefa que merece atenção e cuidado. A análise de seus relatos pode esconder questões muito sutis e a real opinião das famílias que, muitas vezes, parece encoberta pela leitura incompleta da situação.

No Quadro 1, pode-se observar que, do total de 63 famílias entrevistadas, 44 (69,84%) possuem percepção negativa da produção de tabaco, sendo que, entre as tipologias de agricultores, os especializados e os diversificados são os que possuem o maior número de famílias com essa percepção, com 16 e 19 famílias, respectivamente. A primeira categoria de agricultores que substituíram e que abandonaram a produção do tabaco possui 8 famílias e, a segunda, apenas 1 família com percepção negativa dessa atividade. Já no grupo de agricultores com percepção positiva, cujo percentual equivale a 30,16% (ou 19 famílias), a categoria dos especializados é a mais numerosa, com 10 famílias, seguida pela dos diversificados (5 famílias) e dos que abandonaram (4 famílias); e na categoria que substituíram a atividade, nenhuma família possui percepção positiva do tabaco.

Quadro 1 – Tipologias das famílias de acordo com as categorias de agricultores pesquisados no VRP (2013).

(continua)

Tipologias	Categoria de agricultor	Nº de agricultores
Percepção negativa	Especializados	16
	Diversificados	19
	Substituíram	8
	Abandonaram	1
TOTAL		44
Percepção positiva	Especializados	10
	Diversificados	4
	Substituíram	0
	Abandonaram	5
TOTAL		19

Fonte: Elaborado pelos autores a partir dos dados da pesquisa de campo (2013).

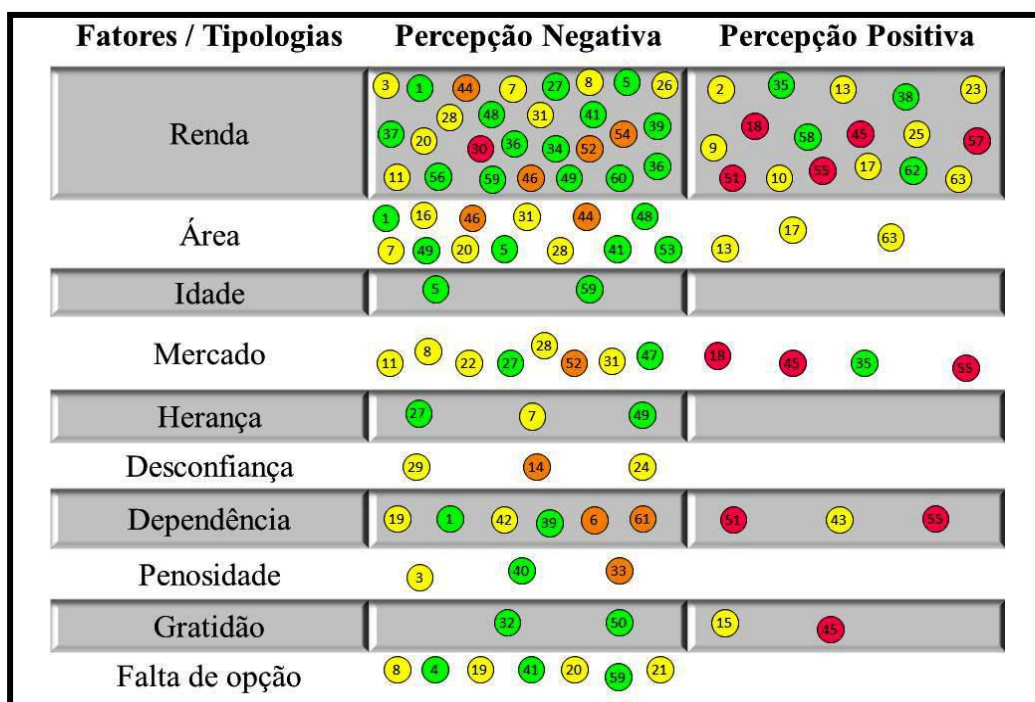
Os dados mostram que parcela considerável dos entrevistados possui percepção negativa do cultivo do tabaco. Deste modo, esses agricultores possuem uma opinião mais crítica em relação a essa atividade. Isso é evidenciado pelo fato de boa parte dos agricultores diversificados e que substituíram esse cultivo pertencer a este grupo.

Quando questionados sobre “como entendem a produção do tabaco, já que é uma cultura que não serve como alimento?”, os agricultores revelaram os principais fatores presentes em suas análises e, conseqüentemente, demonstraram sua percepção dessa prática produtiva. As respostas que surgiram a essa pergunta denotam a riqueza e a complexidade dos indivíduos quando instigados a pensar e falar sobre um aspecto importante de sua vida, sua atividade profissional e o meio de subsistência de suas famílias. Embora as respostas dos agricultores contenham uma diversidade de fatores que alicerçam a forma como entendem o cultivo do tabaco, empreendeu-se

um esforço analítico, a partir do conteúdo de seus discursos, no sentido de tentar sintetizar esse entendimento e representá-lo em um conjunto de fatores. Deste modo, a riqueza das condições objetivas e subjetivas do cotidiano de cada família, captadas a partir das respostas da pergunta acima, foi sintetizada em dez fatores que representam o conteúdo maior de seus discursos.

No Quadro 2, é possível observar os fatores considerados pelos agricultores, bem como sua dispersão, de acordo com as tipologias e categorias às quais pertencem. A primeira observação que se pode inferir do quadro é a predominância de agricultores cujo fator renda apresenta-se com mais frequência em seus discursos.

Quadro 2 – Dispersão dos fatores que interferem no entendimento dos agricultores em relação ao cultivo do tabaco segundo as tipologias e categorias (2013).



Legenda: As tipologias de agricultores entrevistados estão representadas por cores: amarelo (Agricultores ESPECIALIZADOS); verde (Agricultores DIVERSIFICADOS); laranja (Agricultores que SUBSTITUÍRAM); rosa (Agricultores que ABANDONARAM).

Fonte: Elaborado pelos autores a partir dos dados da pesquisa de campo (2013).

A preocupação com o retorno financeiro é a principal variável no entendimento dos agricultores para o cultivo do tabaco, tanto para os com percepção negativa quanto para os com percepção positiva. Em muitas famílias, o tabaco é a única ou principal fonte de renda para os agricultores — essa atividade é responsável por “fazer um dinheiro”. Porém, muitos condicionam o retorno financeiro à produção para subsistência. Isso fica claro em seus discursos reproduzidos a seguir:

[...] é um tipo de cultura que, quem planta, vive muito mal, mas se vive, desde que se plante aquilo que a família vai comer. Se está ruim aqui [no campo], lá fora está pior ainda (Agricultor 19, grupo percepção negativa, Especializados).

[...] poderiam pagar um preço melhor pra gente, [...] a gente planta porque é a única coisa que a gente consegue fazer um dinheiro, a comida a gente planta (Agricultor 9, grupo percepção positiva, Especializados).

Esses dois discursos são emblemáticos porque muitas outras famílias possuem a mesma opinião, condicionam “fazer um dinheiro” ao tabaco, desde que cultivem seus alimentos. Outro fator importante referente ao retorno financeiro com o cultivo do tabaco é o montante recebido de uma única vez; esse é um fator atrativo aos agricultores, mas que deve ser encarado com cautela, conforme o discurso a seguir:

Única e exclusivamente é a geração de renda para família, ele [o tabaco] te dá o dinheiro de bolo, de uma única vez tu tem capital

de giro. Mas tem um problema, tu ganha o dinheiro uma vez ao ano, depois tem que controlar pra não gastar tudo. Vai dependurando tudo, quando começa uma safra tu já tá devendo da outra. Tu entra num ciclo vicioso de trabalhar pra pagar o que já consumiu e para iniciar a outra safra tem que pagar a conta da anterior (Agricultor 4, grupo percepção negativa, Diversificados).

A questão do retorno financeiro para os agricultores é assunto tão complexo que mesmo as famílias produtoras têm, em certa medida, dificuldade em falar sobre isso. Em muitos relatos, como o último apresentado, os agricultores expõem a atratividade em acessar uma quantia considerável de recurso de uma única vez, mas demonstram dificuldade em gerenciar esse recurso ao longo do ano, principalmente por ser insuficiente para atender as suas necessidades básicas.

Cabe observar que a pergunta feita aos agricultores não fazia nenhuma menção a questões financeiras, mas sim ao seu entendimento sobre o cultivo do tabaco. Deste modo, os fatores apresentados no Quadro 2 foram utilizados pelos agricultores, na quase totalidade dos casos, relacionados uns aos outros. No depoimento do agricultor 49, isso fica evidente quando ele fala sobre a cultura do tabaco, na qual estão presentes fatores como dependência, herança cultural, renda, área, falta de opção, mercado, além de outros fatores que não entraram na lista, mas que são igualmente importantes:

Na nossa região o tabaco não é só uma cultura enquanto planta, mas uma cultura que se gerou, as pessoas têm isso como uma cultura, já se internalizou em vida em função do fumo. Se tu falares em terminar com ele as pessoas nem conseguem imaginar a vida. Mas pra mim é mais uma cultura como outra. Só que o fumo tem uma coisa que me deixa chateado. Ele não gera alimento, mas gera dependência e gera doença, isso é uma

coisa chata. Gera também a dependência do agricultor com a fumageira, faz um casamento de alienação ao sistema. Contudo, não existe outra cultura, com relação a metro quadrado que renda mais recurso que o fumo, ainda não tem, nem o leite. Existe uma contradição aí, algo que deixa a gente em conflito, produzimos algo que gera dependência pra quem planta e pra quem consome. O produtor sabe que ele não vai conseguir se manter com a mesma renda do fumo, com muito agrotóxico e tudo mais. Aí que eu fico me questionando, as políticas públicas têm que pensar com essa perspectiva, o fumo é a fonte de renda para essas famílias e a única possível para essa quantidade de terra que elas dispõem. Quem tem só 12 hectares de terra sobrevive só plantando fumo. O que nós podemos apresentar de alternativa para essas pessoas? É uma questão de sobrevivência. É o fumo que dá o alimento pra eles. Tem outra, a gente precisa aprender a fazer outra coisa. Tu não sabe como é difícil pra nós começar com o leite (Agricultor 49, grupo percepção negativa, Diversificados).

Outro fator considerado pelos agricultores é a disponibilidade de área. Do ponto de vista deles, o cultivo do tabaco é a “única alternativa” para a pouca quantidade e qualidade da terra que dispõem:

É uma fonte de renda muito boa para os pequenos agricultores da região, é um produto valorizado pelo mercado, mesmo com custos altos, não tem outro à altura com a mesma lucratividade por hectare (Agricultor 35, grupo percepção positiva, Diversificados).

Os dados empíricos demonstram que o mercado é outro fator preponderante no entendimento dos agricultores sobre o cultivo do tabaco. Em seus discursos, o mercado é citado a partir de duas óticas. Uma é pela certeza da comercialização garantida do tabaco com as indústrias de processamento, e outra, pela incerteza, caracterizada pela ausência ou dificuldade de comercialização de outras plantas:

Na região é a fonte de renda, milho, soja e arroz não dão retorno pela pouca área plantada e pelos investimentos necessários. Nós, em 1,5 ha, tiramos em torno de R\$ 15.000,00, com outra cultura não tiramos nem R\$ 1.500,00. Pode ser uma cadeia ilusória, mas a nossa percepção é essa. Verduras ou frutíferas também falta mercado. Então outras culturas também exigem conhecimento, a plantar fumo a gente aprende logo que começa a caminhar (Agricultor 27, grupo percepção negativa, Diversificados).

Para outro agricultor, “é uma alternativa de renda, ter uma vaca pra vender nem sempre tem comprador” (Agricultor 18, grupo percepção positiva, Abandonaram). Conforme apontam os discursos apresentados até o momento, muitos fatores surgem como complementares um ao outro. A falta de opção e a dependência são fatores que surgem nas falas, concorrendo pela quarta posição entre os fatores mais citados pelos agricultores em seu entendimento sobre o cultivo do tabaco:

Não dá para comer, mas quem não planta, também não come, pois é do fumo que muita gente tira a fonte de renda que vai alimentar a família. Pequeno produtor com pouca área não tem opção, ainda mais aqui nesta região, as terras não servem para muita coisa (Agricultor 20, grupo percepção negativa, Especializados).

Não se pode encher a terra só com fumo, devia ser uma cultura a mais, não só ele. Eles [técnicos das fumageiras] diziam pra nós plantar 5.000 pés a mais e comprar a comida, mas isso é errado, assim ficamos dependentes e reféns deles. Minha depressão acho que veio disso também, um dia vi que todos esses anos trabalhando e ainda não tenho nada (Agricultor 6, grupo percepção negativa, Substituíram).

A penosidade do trabalho na atividade fumicultora é tema bastante debatido, o fumo exige muita mão de obra por utilizar poucos

equipamentos que auxiliam na diminuição da intensidade do trabalho. As atividades no cultivo do tabaco são sistemáticas e de intenso trabalho na propriedade. A carga de trabalho se intensifica à medida que inicia o processo da colheita das folhas de fumo e, logo após, envolve o secar, sortir e padronizar os fardos de fumo (FIALHO, 2006).

Embora os agricultores, em grande medida, explanem descontentamento com a atividade do tabaco, alguns destacam gratidão e reconhecimento pela importância que essa atividade representa em suas vidas:

Plantar fumo foi bom pra nós, a gente tem alguns dias de férias, consegue tratar as vacas, as galinhas, as criações todas. Mas escravo é quem cria gado ou galinha de corte, esses têm hora pra tudo. Mas nós estamos parando de plantar fumo (Agricultor 32, grupo percepção negativa, Diversificados).

Não pode comer, mas deu dinheiro e ainda dá, todo pedacinho de terra que tenho foi comprado com dinheiro do fumo (Agricultor 45, grupo percepção positiva, Abandonaram).

Embora o fator desconfiança tenha estado presente em poucos relatos para o entendimento que os agricultores têm do tabaco, há de se considerar que ele esteve presente em muitas outras oportunidades ao longo da pesquisa de campo, principalmente quando os agricultores se referiam às firmas, à classificação do fumo, à Afubra e aos instrutores. Essa desconfiança foi manifestada também em relação às finalidades do tabaco, além das formas de conduta das indústrias:

Será que se usa mesmo só pra fumar? É muito fumo que a gente planta. Se for só pra fumar, porque tem tanta classe? Poderia ser bem menos e pagar mais parelho por elas. Quantos maços de cigarros se faz com um fardo de fumo? (Agricultor 24, grupo percepção negativa, Especializados).

Vejo o fumo como uma droga, tem bastante valor quando está na mão das multinacionais e um baixo valor quando está na mão do agricultor, que é quem planta. Fui prejudicado pelas multinacionais, tive que mudar bruscamente de atividade por conta delas. Tu é alguém pra elas enquanto está plantando fumo e entregando pra elas, sem isso tu não é nada. Tive que abandonar todo o conhecimento que tinha da cultura e começar outra atividade sozinho (Agricultor 14, grupo percepção negativa, Substituíram).

Neste estudo, entende-se o fator herança cultural como uma habilidade adquirida para um trabalho específico, um conhecimento que garante os saberes necessários para lidar com a terra. Neste sentido, o discurso do agricultor 55 é interessante por considerar, além deste fator, muitos outros:

Cada região tem que ter as coisas para sobrevivência do povo, para buscar progresso, lucratividade, cada um tem que partir para alguma coisa. Em determinada região foi o fumo, embora não dê pra comer, de certa forma faz um mal, por um momento econômico veio para a nossa região e trouxe muito progresso, embora também tenha matado muito da cultura da região. A gente olha pra região, pra metade sul, que não tem agricultura familiar, aqui ele [tabaco] trouxe progresso, mas matou a cultura alemã, matou a cultura de base da imigração açoriana, uma que pegou terras grandes e outra de terras pequenas, chegaram os alemães e construíram as colônias, todas com forte ênfase na agricultura familiar. A Souza Cruz enxergando que o fumo seria uma boa veio para essa região que tinha mão de obra capacitada e se instalou. Daí começou a prática do fumo, as outras culturas foram perdendo espaço e a pequena propriedade não tinha mais como se manter, o fumo foi uma alternativa, pois o sistema de integração foi uma alternativa viável. Com 2 ou 3 ha foi a saída, abriu portas na década de 1960/70, os que ficaram se apoiaram nisso daí, os que foram mais passivos. Por fim, acabou sendo uma boa alternativa, por ser artesanal, com compra garantida, se um ano ganha mais e no outro perde, isso é culpa do sistema capitalista, é um perde e ganha constante.

Mas o alicerce mesmo é a agricultura familiar e o fumo, mesmo com altos e baixos, foi muito bom, proporcionou progresso. Mas a capacidade pessoal de cada ser humano influencia muito nisso, ninguém é igual, uns vão mais pra frente, outros menos, a sua motivação, iniciativa de economizar. Como é que uns ganham dinheiro e outros não? Capacidade administrativa, tem gente que ganha pouco e consegue economizar (Agricultor 55, grupo percepção positiva, Abandonaram).

Em geral, os agricultores aprendem o cultivo do tabaco com seus pais, isso significa uma condição estável do ponto de vista de familiaridade desses trabalhadores com este ramo. Na perspectiva de Ferreira (2006, p. 146), “[...] a permanência num determinado ramo confere identidade e uma prática de manejo da cultura por experiência e/ou conhecimento técnico que, a despeito dos tropeços inevitáveis, ajuda os produtores a reduzir a margem de incerteza sobre seu negócio”. O autor enfatiza ainda que, uma vez “[...] que todo produto tem sua crise, o melhor é construir um aprendizado sobre as crises próprias de um ramo, sem mudar com frequência de ramo, que tornaria a condição de qualquer agricultor insustentável” (FERREIRA, 2006, p. 146).

O significado do cultivo do tabaco está relacionado ao meio de subsistência dessas famílias. Em contrapartida, a grande maioria dos entrevistados (87,3%), que considera o tabaco a melhor atividade em termos de retorno financeiro e geração de renda para pequenos agricultores, assegura sobrar pouco ou quase nada no final das safras. Mesmo os instrumentos de gestão sendo pouco utilizados pelos agricultores, muitos afirmam que se fossem contabilizar tudo, não haveria lucro:

Plantamos pelo dinheiro, mas quando a gente para e faz as contas, calcular todos os custos, com a mão de obra, lenha, arrendamento, vê que sobra mesmo muito pouco (Agricultora 30, grupo percepção negativa, Abandonaram).

Este fato leva à reflexão da contradição na racionalidade dos agricultores, mesmo produzindo alimentos para autoconsumo e com ao menos uma atividade agrícola voltada ao mercado, o cultivo do tabaco não é suficiente para garantir a reprodução simples das famílias entrevistadas. Sendo assim, parece que o fator renda está legitimado entre os agricultores como algo irrefutável. Porém, seus próprios discursos colocam em xeque a legitimidade do retorno financeiro e evidenciam que essa remuneração não é suficiente para sua reprodução, muito menos para sua capitalização.

Para Robbins (2005, p. 115), temos “[...] a tendência de nos fixarmos em uma informação como ponto de partida. Uma vez fixado este ponto, temos dificuldade de ajuste diante de informações posteriores”. O autor prossegue afirmando que este viés ocorre porque nossa mente tende a dar ênfase à primeira informação que recebemos. Deste modo, as primeiras impressões, ideias, estimativas ou preços têm um peso descomunal em relação às informações que são obtidas posteriormente (ROBBINS, 2005).

Uma das principais características da percepção é o fato de ser seletiva. Da grande variedade de estímulos que o ambiente oferece, apenas uma pequena parte prende a atenção do observador (MAXIMIANO, 2007).

Pesquisa realizada por Vargas (2013) no VRP, que, dentre outros objetivos, comparou as rendas líquidas de agricultores produtores de

tabaco e a de agricultores produtores de hortifrutigranjeiros, na safra dos anos 2007/2008, verificou que o resultado financeiro líquido obtido pelos hortifrutigranjeiros (equivalente a R\$ 20.064,39) supera em 14% a receita líquida dos fumicultores (R\$ 17.571,71). Adicionalmente, estudos anteriores sobre estratégias de diversificação da produção de tabaco na região do VRP, baseados em estimativas das receitas de pequenos agricultores engajados em atividades de produção agroecológica, demonstraram que tais atividades proporcionam alternativas viáveis ao cultivo do tabaco para os pequenos agricultores da região, em termos de rentabilidade, comercialização e financiamento da produção (VARGAS, 2013).

Denota-se, a partir dos dados dos agricultores, que o cenário que se apresenta a eles normalmente engloba uma complexidade tal que é impossível saber todos os aspectos existentes sobre outras culturas alternativas ao cultivo do tabaco e assim poder, racionalmente, auferir a melhor opção. Neste ponto, a racionalidade limitada age no sentido de simplificar o modelo da situação avaliada pelos agricultores, uma vez que não conseguem acessar todas as informações sobre alternativas. Assim, o cultivo do tabaco acaba por se apresentar como a alternativa mais satisfatória.

A percepção negativa que a maioria dos agricultores entrevistados possui do tabaco pode ser observada também quando são questionados se “sentem vontade de trocar de atividade profissional ou plantar outra cultura”. Entre os agricultores da categoria que “substituíram” o cultivo do tabaco, nenhum explanou desejo de mudança. Já os agricultores das categorias “especializados” e “diversificados”, do

total de 49 entrevistados, 33 (ou 67,34%) sentem vontade de mudar, a maioria pertence ao grupo com percepção negativa do tabaco, e somente três agricultores com percepção positiva não desejam mudar.

Recorrendo às informações qualitativas dos entrevistados, nota-se que os agricultores são conscientes do significado e dimensão que uma mudança de atividade pode acarretar. Por exemplo, entre aqueles do grupo com percepção positiva do tabaco, componentes da categoria “especializados”, as principais justificativas para não querer mudar são a falta de opção, a idade avançada, a conformação com a situação, as tentativas de mudanças frustradas, o endividamento, a falta de recurso financeiro e a falta de mercado para outras produções. Entre os “diversificados”, as outras culturas desenvolvidas são tidas como complementação da renda, e o tabaco, a principal.

Para 71,42% dos entrevistados, no grupo de agricultores com percepção negativa do tabaco, considerando aqueles que ainda o cultivam, a diversificação é encarada como uma possibilidade de substituição do cultivo de tabaco, não apenas como complementação de renda. Isso significa que, através de tentativa e erro, os agricultores estão buscando uma atividade capaz de proporcionar retorno financeiro que satisfaça suas expectativas. Outra preocupação dos agricultores desse grupo é com a carga de trabalho. Eles procuram atividades menos intensivas em uso de mão de obra, conforme se constata nos depoimentos a seguir:

Queria me dedicar só à produção de alimentos, principalmente mel, leite e frutas. Um trabalho que não judie tanto, que não precise muito esforço. O cara tem que trabalhar sem se judiar.

O fumo é pesado, te contamina do início ao fim (Agricultor 4, grupo percepção negativa, Diversificados).

Faz desde o ano passado que falamos em parar, esse ano vai ser o último. Ano que vem o “véio” se aposenta, [...] daí vamos ficar só com as vacas (Agricultor 47, grupo percepção negativa, Diversificados).

Outro questionamento importante que auxilia no entendimento da percepção dos agricultores é a resposta à questão: “quando vê um maço de cigarros, reconhece seu trabalho no produto?”. Para muitos agricultores essa pergunta soou estranha, em alguns casos acarretando constrangimento diante do fato de alguns produtores (dois agricultores) nunca terem pensado no assunto.

Deste modo, há uma divisão equilibrada de opiniões, 55,55% dos entrevistados (35 agricultores) responderam que sim, reconhecem seu trabalho no maço de cigarros, e 44,45% (26 agricultores) responderam que não reconhecem. Porém, cabe uma análise um pouco mais detalhada das respostas dos agricultores.

Novamente, os agricultores recorreram à associação de fatores para responder à pergunta acima mencionada. Independente das tipologias e categorias, os agricultores fizeram comparações entre o valor de um maço de cigarros e o preço que as indústrias pagam por uma arroba de tabaco:

Com menos de uma folha de fumo se faz várias carteiras de cigarro. E quanto se paga pela carteira e quanto se paga pela folha do fumo? O cigarro é muito mais caro (Agricultor 28, grupo percepção negativa, Especializados).

Quanto custa uma arroba e quanto custa uma carteira de cigarro e quantas carteiras eles fazem com uma arroba?" (Agricultor 32, grupo percepção negativa, Especializados).

Considerando que 41,26% dos entrevistados compreendem agricultores fumantes, muitos fizeram referência à qualidade de seu produto:

Com certeza, minha esposa fuma, eu já fui fumante. Quantas vezes já me perguntei, será que a gente não é um fumo que a gente mesmo produziu? Mas o nosso fumo é bom, é bem bom mesmo, mas é todo exportado, aqui fica só o resto (Agricultor 38, grupo percepção positiva, Diversificados).

Nós não fumamos, plantamos fumo, mas não gostamos do cigarro, tem um cheiro muito ruim, sei lá o que eles fazem pra deixar daquele cheiro (Agricultor 17, grupo percepção positiva, Especializados).

As percepções subjetivas dos agricultores também surgiram em respostas a esta questão. Muitos aproveitaram para manifestar desprezo pelo cigarro:

Eu tenho pavor de cigarro, até não gosto de sair em locais como festas, porque não posso com o cheiro do cigarro (Agricultor 61, grupo percepção negativa, Substituíram).

O cigarro é outra coisa, não vejo relação com o que eu faço. Sei lá, é diferente, aqui a gente entrega as folhas pra eles. Eu não fumo e incentivo as pessoas a não fumarem (Agricultor 56, grupo percepção negativa, Diversificados).

Eu não incentivo ninguém a fumar, eu não fumaria para manter a produção de fumo (Agricultor 60, grupo percepção negativa, Diversificados).

Nunca pensei nisso, mas acho que não, porque nosso fumo vai todo pra fora do país. Eu já fumei, há muito tempo atrás, [...].

Acho que porque nosso trabalho na produção de fumo não nos dá orgulho nenhum (Agricultor 49, grupo percepção negativa, Diversificados).

Dos depoimentos apresentados, deve-se destacar dois pontos de reflexão importantes: a quantidade significativa de agricultores que não reconhecem seu trabalho no produto final, o cigarro, e a desigualdade das relações, identificada na comparação do valor do maço do cigarro com o valor da arroba de fumo. Em relação à primeira colocação, durante a Antiguidade e no período feudal, o trabalhador devia conhecer sua profissão a fundo e estar apto a executar todo o ciclo da produção. No período atual, o trabalhador não conhece o ciclo todo da produção, seu trabalho é complementar a outras atividades. Ele participa apenas de uma parcela da fabricação dos bens e, ao ver a mercadoria pronta para ser comercializada, não reconhece seu trabalho naquele produto.

Embora recorrendo ao valor do produto, uma análise mais criteriosa indica que os agricultores querem chamar a atenção para o quanto seu trabalho é desvalorizado e pouco reconhecido, ou seja, para a particularidade de uma relação que se caracteriza por meio de uma troca desigual. Para os agricultores familiares, sua atividade profissional ocupa uma dimensão significativa em sua vida, pois seu trabalho representa, sobretudo, além da oportunidade de garantir sua subsistência, ter um lugar, desempenhar um papel, preenchendo de sentido sua relação com o mundo (GUÉRIN et al., 2001). Neste sentido, não é a racionalidade econômica que está vigorando, mas uma racionalidade, utilizando as palavras de Schneider (2004, p. 116), “[...] informada pela realidade que tanto é a expressão das relações materiais

presentes como daquelas herdadas e transmitidas culturalmente [...]”, o que resulta na não identificação pessoal dos agricultores com o produto final, o cigarro.

Contudo, a contradição não se manifesta só nos discursos dos agricultores, mas “[...] é a expressão maior da contradição no mundo de vivência do pequeno agricultor da região situada em torno de Santa Cruz do Sul – RS” (JANTSCH, 2001, p. 193). Essa proposição é corroborada por Prieb (2005, p. 48), quando afirma que “a harmonia e o conflito permeiam todo o processo de agroindustrialização, mas isso não é uma novidade, porque a contradição é peculiar a todo processo de desenvolvimento capitalista”.

Os agricultores familiares produtores de tabaco, com poucos conhecimentos básicos sobre mercados, comercialização e gestão, além de limitadas condições financeiras, ficam impossibilitados de programarem projetos no sentido de aumentar sua autonomia. Neste contexto, tendo em vista as ações contraditórias ações do Estado ao fixar altas taxas à produção e à comercialização de cigarro, assinar a Convenção-Quadro, que visa à diminuição da produção de tabaco e não apresentar aos agricultores alternativas ao cultivo (LEPPAN; LECOURS; BUCKLES, 2014), lhes resta a alternativa de integrar-se. De acordo com Jantsch (2001, p. 204), “[...] a integração, aliada à consequente submissão aos pacotes científico-tecnológicos das agroindústrias, é a possibilidade vislumbrada para conquistar os tão sonhados ‘níqueis’, embora sob um trabalho manual [...]” subjugado e coisificante de sua família.

Outro fator relevante que contribui para os agricultores seguirem cultivando tabaco é apresentado por Silva (2002, p. 156), tendo por base um estudo do Instituto Brasileiro de Pesquisas – Ibrap (2000), no qual 93,56% dos agricultores analisados consideraram o tabaco como a atividade que proporciona a melhor receita, se comparada com outras. Os resultados apontaram ainda que 77,23% dos agricultores não acreditam que outra cultura ou criação seja capaz de oferecer os mesmos rendimentos monetários que o tabaco, na mesma quantidade de terras.

Pressupondo que o problema possui mais de uma solução potencial, a escolha satisfatória será a primeira alternativa aceitável que o tomador de decisões encontrar. Como ele estará utilizando um modelo simples e limitado, começará identificando as alternativas mais óbvias, com as quais tenha mais familiaridade e que não estejam muito distantes do *status quo* (ROBBINS, 2005).

6.1. A diversidade dos fatores na percepção dos agricultores familiares produtores de tabaco

Os agricultores reconhecem a situação de dependência que estão sujeitos ao aderirem ao Sipt. Os produtores com percepção negativa são os que apontam ter maior nível de dependência em relação às indústrias de tabaco, uma vez que, principalmente os especializados, classificaram sua situação em muita e totalmente dependente. No grupo de agricultores com percepção positiva, a maior dependência também foi apresentada pelos especializados, seguidos pelos que abandonaram.

A sensação de dependência é maior à medida que os agricultores demonstram desconfiança em relação à Afubra, sua principal entidade de representação. Esse dado é constatado quando se questiona os agricultores sobre o que pensam a respeito da Afubra e se acham que o órgão está atendendo aos interesses dos agricultores. Para 65,07% dos entrevistados, a Afubra não os representa. Os depoimentos dos agricultores apontam para uma opinião bastante crítica em relação àquela entidade, conforme depoimentos a seguir:

As reuniões para estabelecer os preços do fumo são enganação, só batem boca, têm que levar os colonos nas reuniões. A Afubra nunca veio aqui na roça falar com o colono. Não entendo porque o contrato do seguro da Afubra quem traz é o instrutor da fumageira (Agricultor 19, percepção negativa, Especializados).

Ela é uma seguradora, esse é o papel dela. O auxílio dela está no seguro agrícola. Mas o que ela pode fazer, se o governo também não ajuda, não consegue manter um preço mínimo? No preço quem manda mesmo são as fumageiras, ela [Afubra] não consegue ter voz ativa (Agricultor 44, percepção negativa, Substituíram).

Como pode eles representar os produtores e trazer o contrato deles junto com o instrutor da fumageira? São dois interesses diferentes. Pra fazer a pesquisa dos preços eles também andam juntos. A Afubra não é amiga do produtor, é a pura realidade, não é defensora dos produtores, só tem o nome da gente. O seguro é bom, mas brigar pelo preço eles não fazem (Agricultor 55, percepção positiva, Aabandonaram).

Outra relação caracterizada por controvérsias ocorre entre os agricultores e as indústrias. Conforme relatado pelos entrevistados, o nível dessa relação varia de acordo com o ano. Em anos em que as indústrias atingem suas metas e os agricultores conseguem bons preços

pelo fumo, ela é boa. Quando ocorre o contrário, a situação é ruim. Deste modo, pode-se afirmar que a relação dos agricultores com a indústria é situacional, depende muito da política de compra do fumo pela fumageira no ano agrícola. Contudo, a situação mais comumente citada demonstra distanciamento dos agricultores com as indústrias, conforme depoimento que segue:

[...] varia de acordo com o ano, mas é assim, eles lá e nós cá. Só conhecemos o instrutor (Agricultor 5, grupo percepção negativa, Diversificados).

As principais dificuldades apontadas pelos agricultores na produção de tabaco são: a falta de mão de obra (28), em seguida, para dez agricultores, o alto uso de agrotóxicos, para oito agricultores são os altos preços dos insumos e, para sete, os baixos preços pagos pelo produto. As dificuldades menos citadas pelos agricultores foram a colheita (5), o custeio da safra (2), a instabilidade do mercado (1), a penosidade do trabalho (1) e a única entrada de recurso (1).

Para expressivo número de entrevistados (29 do total de 63), a possibilidade de trabalhar ao ar livre com a família é o aspecto positivo mais citado, seguido pela garantia de compra do fumo (16 agricultores) e pela autonomia na realização das tarefas (7 agricultores). Em relação à venda garantida, os agricultores manifestaram, novamente, a dualidade deste aspecto. Embora a compra do fumo seja garantida, nem sempre o preço pago é satisfatório. De acordo com o depoimento a seguir, isso fica evidente:

A gente não sabe quanto vão pagar o fumo, muda de ano para ano, [...] é como jogar o dinheiro na terra e tentar pegar de novo,

às vezes pega mais, as vezes menos. O que a gente faz é pensar no quanto vamos ter que trabalhar se plantar 20.000 ou 30.000 pés de fumo (Agricultor 26, percepção negativa, Especializados).

O ciclo produtivo do tabaco, a partir do momento da produção das mudas até a venda das folhas nas agroindústrias, dura entre nove e dez meses do ano agrícola. Neste sentido, considerando que os agricultores dedicam-se a outras atividades agrícolas e não agrícolas, a flexibilidade das ações não se mostra tão maleável assim. Isso pode ser evidenciado nos seguintes depoimentos:

Tu plantou fumo tu não se manda mais, tudo funciona em função dele, tem que organizar pro ano todo, pensar na semeadura, plantação, secagem, intercala o ano todo (Agricultor 1, grupo percepção negativa, Diversificados).

Trabalho 365 dias por ano, trancado, não tenho como sair [...] (Agricultor 5, grupo percepção negativa, categoria Diversificados).

Ademais, essa flexibilização se refere somente a “quando fazer”, com pouca margem para desenvolver ações que modifiquem a “forma de fazer”.

Dentre os aspectos negativos da produção de tabaco, a penosidade do trabalho é apontada como o principal aspecto negativo para 33,3% dos agricultores (21 dos 63 entrevistados). O baixo preço pago pelo fumo vem em seguida (25,3% dos agricultores), e o terceiro aspecto mais citado foi a exposição a agrotóxicos, para 17,4% agricultores.

Em estudo realizado por Perondi et al. (2012), sobre os meios de vida de agricultores produtores e ex-produtores de tabaco, em dois municípios localizados no Sudoeste do Paraná, identificou-se que as principais motivações que levaram as famílias a deixar de cultivar tabaco foram: o descontentamento com o retorno econômico da produção; problemas de saúde ocasionados pela intoxicação com agrotóxicos; a falta e o desgaste da força de trabalho familiar. Os autores identificaram, entre outros, fatores subjetivos, como: a insatisfação com a atividade realizada pela família e a necessidade de mais autonomia.

Quando perguntado aos agricultores o que seria mais importante para sua família almejar para o futuro, 28,5% das famílias entrevistadas desejam seguir plantando tabaco, mas tentar diversificar as fontes de renda. Essa resposta foi mais frequente entre os agricultores “especializados” e “diversificados”, isso demonstra que a renda obtida com o fumo não tem sido suficiente para os agricultores.

Não plantar mais tabaco e iniciar outra atividade no meio rural é o que almejam 26,9% das famílias entrevistadas, todas do grupo com percepção negativa, e a maioria da categoria Diversificados (11). Boa parte desses agricultores manifestou vontade de se dedicar somente à produção de alimentos, outros explanaram vontade de retomarem seus sonhos de adolescência.

Mais educação para os filhos é a preocupação para 20,6% das famílias. Muitos agricultores apontam seu baixo grau de escolaridade como causa da situação em que se encontram, conseqüentemente, ela “[...] não lhes dá o subsídio necessário para constituir o saber real e a autonomia necessários para superar o paradigma do

determinismo/insumos, o autoritarismo da extensão (via instrutores) [...]” (JANTSCH, 2001, p. 165). Esta informação ressalta a veracidade de que os produtores de fumo têm consciência da necessidade de adquirirem novos conhecimentos que os habilitem a sobreviver em outras atividades, que não seja o fumo (ETGES, 2002, p. 13).

Para quatro famílias entrevistadas que almejam seguir produzindo tabaco, a atividade precisa de aperfeiçoamentos no sentido de facilitar o trabalho e melhorar a vida do produtor. Dentre essas necessidades destacam-se, na fase agrícola do processo produtivo, a colheita, tida como muito pesada, a aplicação de agrotóxicos e manocar⁴ as folhas de fumo. Na fase não agrícola, os agricultores citam o excessivo número de classes do fumo, pois, em suas perspectivas, é por meio desse grande número de classes que as indústrias conseguem diminuir o retorno financeiro pelo produto. Neste ponto, os agricultores reclamam que as indústrias manipulam tanto o processo produtivo quanto o mercado.

Assim, os produtores de tabaco, diante da relação e dependência com as indústrias, dos aspectos negativos e positivos dessa atividade, das dificuldades encontradas, de suas perspectivas futuras, das oscilações do câmbio etc., encontram-se em meio a um ambiente de muitas incertezas. Deste ponto de vista, a permanência nesta atividade atribui identidade e uma prática de manejo por experiência, ou conhecimento técnico, que, a despeito de seus tropeços inevitáveis, ajuda os agricultores a reduzir a margem de incerteza (ETGES et al., 2002).

⁴ Manocar significa juntar um conjunto de 20 a 25 folhas de tabaco e atá-las com outra folha enrolada para serem secadas e curadas.

Em vista disso, a compra de toda a produção, o transporte do produto, a assistência técnica e o financiamento oferecido pelo Sipt são termos de referência que influem na decisão dos agricultores em produzir tabaco. Recorrendo às contribuições de Pereira e Fonseca (1997), quando afirmam que a escolha de uma alternativa implica a renúncia de outras, o que faz com que determinadas decisões gerem um sentimento de perda, para os agricultores a decisão de deixar de produzir tabaco envolve a perda de garantias e referenciais seguros nos quais ancoram sua reprodução.

Em virtude disso, a perspectiva desenvolvida por March e Simon (1970) de que ao se planejar um conjunto de alternativas de ação, planeja-se também uma gama de consequências e avaliações que, posteriormente, ampliam os vínculos que estabelecem a relação entre as escolhas possíveis e os resultados prováveis, pode ser aplicada para a situação dos agricultores entrevistados nesta pesquisa. Em outras palavras, os agricultores estabelecem uma ordem de preferência das consequências que desejam enfrentar, a partir de informações incompletas.

Os dados apresentados até o momento demonstram que para a definição das percepções e na formação dos modelos das situações desenvolvidos pelos agricultores no momento de avaliar as alternativas em se especializar, diversificar ou substituir a produção de tabaco, eles utilizam três critérios que podem ser responsáveis pela criação de referências:

- i) o modelo da situação percebida pelos agricultores apresenta-se restrito e simplificado em virtude das informações que compõem esse modelo ser incompletas;
- ii) a influência dos ambientes organizacional e social dos agricultores se manifesta na interação dos agricultores através de suas relações com as indústrias, com seus representantes, vizinhos etc.;
- iii) o conjunto de experiências boas e ruins da vida dos agricultores causam efeitos marcantes. Neste sentido, muitos deles, a partir de suas realidades individuais, irão considerar essas experiências ao optarem por produzir ou deixar de produzir tabaco.

Assim, embora descontentes com a situação, os agricultores decidem seguir plantando tabaco, mesmo estando sujeitos a um trabalho penoso, expostos a agrotóxicos etc., porque esta atividade, bem ou mal, lhes confere certa garantia e uma possibilidade, nem sempre concretizada, de um retorno financeiro satisfatório. Afinal, se a produção de fumo é contraditória, à medida que é tida como a mais segura fonte de renda capaz de prover as condições de vida de agricultores familiares, a monetarização da atividade é submetida aos desígnios do capital, o que justifica os meios, conclui Jantsch (2001).

Embora os agricultores não eliminem uma racionalidade econômica, fatores sociais, culturais, valores, regras formais e informais são igualmente importantes. O fato de quase a unanimidade dos agricultores não se referir a si mesmos como fumicultores, mas sim como “colonos”, é um indicativo disso, pois a fumicultura está

relacionada a uma atividade produtiva econômica, ao passo que “colono” designa um modo de vida, mais que um tipo econômico (ABRAMOVAY, 1992).

Neste sentido, decisões que envolvem certo grau de complexidade e são importantes nas suas consequências, ou nos riscos envolvidos, não podem se basear em um único critério. Existem, seguramente, vários fatores a serem considerados, e a importância relativa de cada um deles deve ser estudada, para que uns não sejam eclipsados por outros sem que o decisor se aperceba do fato (GRAEML, 2004).

7. Considerações finais

A pesquisa evidenciou que as decisões dos agricultores em relação ao cultivo do tabaco são tidas como fruto de necessidades pessoais de reprodução da família ou reações as suas percepções em relação à atividade. Independentemente de qual seja a motivação, são resultados do esforço individual das famílias em construir ou determinar seus projetos futuros de vida. Deste modo, é a presença e a intensidade de elementos subjetivos e estruturais dos agricultores que irão refletir em suas percepções, na maneira que criam o modelo da situação e, conseqüentemente, em suas reações a esse modelo.

As percepções e conseqüentes decisões dos agricultores podem ser explicadas por um conjunto variado de fatores, que agem de modo a produzir distintos comportamentos entre eles. Neste sentido, as percepções em desacordo com seus quadros de referência são afastadas por meio de um processo de filtragem, ou racionalizadas até que se

elimine a discrepância. Existe uma quantidade razoável de evidências que demonstram que as pessoas sempre tentam validar suas percepções da realidade, mesmo quando essas percepções estão erradas. Esta característica é particularmente relevante quando consideramos a expectativa de desempenho no trabalho (ROBBINS, 2005).

Em consequência, os agricultores familiares produtores de tabaco sofrem pressão de várias formas. Seu conhecimento da realidade do setor produtivo do tabaco como um todo é fragmentado, seu tempo para buscar e avaliar alternativas é limitado. Soma-se a isso o fato do comportamento humano sofrer influência contínua de aspectos do ambiente.

Nesta perspectiva, os dados empíricos permitem concluir que a decisão por parte dos agricultores em cultivar tabaco não foi resultado de um processo de escolha em busca da maximização nem dos lucros, nem de sua racionalidade. Mas é o resultado histórico da sucessão da atividade desenvolvida por seus pais.

As reações no sentido de deixar de produzir tabaco são resultantes de uma estrutura complexa de metas, mais ou menos hierarquizadas e sujeitas a contradições internas e externas, além de estarem suscetível à evolução. Considerando as particularidades das tipologias de agricultores, para os que abandonaram o cultivo do tabaco, os fatores preponderantes para essa decisão foram as limitações físicas para desempenho das atividades, em decorrência da idade avançada, e a garantia de renda proporcionada pela aposentadoria.

Por seu turno, o comportamento dos agricultores diversificados tem dois momentos. No primeiro, adotado pelos agricultores com

percepção positiva do tabaco, a diversificação das atividades produtivas é uma estratégia de ampliação das fontes de renda. Neste caso, a produção de tabaco é tida como uma delas, embora seja a principal. Para esses agricultores, cujas garantias do Sipt estão muito presentes, uma mudança de atividade ameaça deixar a família “abandonada”, por isso essa ideia é refutada.

No segundo momento, este identificado nos agricultores com percepção negativa do tabaco, o descontentamento com a atividade resulta numa postura crítica. Assim, a conduta ao diversificar é caracterizada pela busca por outra atividade mais atrativa que o tabaco. Essa atratividade é tanto em termos financeiros quanto laborais e ambientais, que sejam capazes de proporcionar mais autonomia. Deste modo, ela é uma tentativa de adquirir capacidades de transposição do cultivo do fumo para outras atividades.

Já para os agricultores que substituíram o cultivo do tabaco, situação que marca a ruptura total com essa atividade, esta reação foi resultado de insatisfações pessoais e resultados frustrantes. Os agricultores, a partir de diversas tentativas, promoveram uma reconversão de suas atividades. Neste sentido, a diversificação agrícola constituiu-se como condição estratégica para a substituição do cultivo do tabaco e para o redesenho das atividades produtivas.

Desta maneira, é difícil estabelecer explicações que permitam abarcar toda a complexidade da conduta dos agricultores no processo de decisão e percepção, de tal forma que tais explicações devem considerar fatores que estão além da percepção positiva ou negativa. Contudo, são fatores como a disponibilidade de mão de obra, mercado garantido,

retorno financeiro, tecnologia, conhecimento, estradas e transportes, enfim, é uma associação de elementos estruturais e subjetivos, somados a um ambiente institucional favorável, que irão determinar a percepção dos agricultores, bem como a profundidade de suas reações a essas percepções.

Referências

- ABRAMOVAY, Ricardo. **Paradigmas do capitalismo agrário em questão**. 2. ed. São Paulo: Hucitec/Edunicamp, 1992. 275 p.
- ANDRADE, Jeanice Jung de. **O processo de tomada de decisão dos produtores rurais no município de Sant'Ana do Livramento – RS**. 2010. Tese de doutorado. Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Rural, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2010.
- ASSOCIAÇÃO DOS MUNICÍPIOS DO VALE DO RIO PARDO – AMVARP. O motor da arrecadação do Vale do Rio Pardo. **Boletim Informativo AMVARP**. 2012, p. 8. Disponível em: <http://www.famurs.com.br/index.php?option=com_content&view=article&id=94&Itemid=241>. Acesso em: 19 dez. 2013.
- BIBLIOTECA VIRTUAL DE SAÚDE. **Doença da folha verde do tabaco**. Brasília, 2010. Disponível em: <http://bvsmis.saude.gov.br/bvs/dicas/204_doenca_folha_verde.html>. Acesso em: 8 fev. 2014.
- CARNEIRO, Maria José. Em que consiste o familiar da agricultura familiar? In: COSTA, Luiz Flávio de Carvalho; FLEXOR, Georges; SANTOS, Raimundo (Orgs.). **Mundo rural brasileiro: ensaios interdisciplinares**. Rio de Janeiro: Mauad X – Edur, 2008, v. 1, p. 271-290.
- CHANLAT, Jean-François. Por uma antropologia da condição humana nas organizações. In: TORRES, Ofélia de Lanna Sette (Org.). **O**

indivíduo na organização: dimensões esquecidas. 3. ed. São Paulo: Atlas, 2009. p. 21-45.

CHIAVENATO, Idalberto. **Introdução à teoria geral da administração.** 6. ed. Rio de Janeiro: Campus, 2000, 700 p.

DUTRA, Alberto Silva; MACHADO, João Armando Dessimon; RATHMANN, Régis. Alianças estratégicas e visão baseada em recursos: um enfoque sistêmico do processo de tomada de decisão nas propriedades rurais. In: SOCIEDADE BRASILEIRA DE ECONOMIA, ADMINISTRAÇÃO E SOCIOLOGIA RURAL, 2008, Rio Branco. **Anais...** Acre, 2008.

ETGES, Virgínia Elisabeta et al. O impacto da cultura do tabaco no ecossistema e na saúde humana. **Textual** (Porto Alegre), v. 1, n.1, p. 14-21, 2002.

_____. **Sujeição e resistência:** os camponeses gaúchos e a indústria do fumo. 1989. 246 f. Dissertação de mestrado. Programa de geografia humana, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1989.

FERREIRA, Marcos Artemio Fischborn. Os produtores de fumo da bacia do rio Pardinho: o cotidiano subalterno e a difícil mudança. In: ETGES, Virgínia Elisabeta; FERREIRA, Marcos Artemio Fischborn (Orgs.). **A produção do tabaco:** impacto no ecossistema e na saúde humana na Região de Santa Cruz do Sul – RS. Santa Cruz do Sul: Edunisc, p. 142-69, 2006.

FERRAZ, Mariana de Araujo; JOHNS, Paula; GOMES, Fabio da Silva. **Histórico das indústrias de tabaco e de alimentos ultraprocessados como vetores de doenças:** lições aprendidas e estratégias de enfrentamento convergentes. 2013 (Pesquisa). Disponível em: <http://actbr.org.br/uploads/conteudo/790_Artigo_tabaco_alimentos.pdf>. Acesso em: 9 jan. 2014.

FIALHO, Raquel Ribas. Os sentidos do trabalho para os agricultores e as agricultoras familiares de pequenas unidades produtoras de tabaco no município de Santa Cruz do Sul – RS. In: **A produção de tabaco:**

impactos no ecossistema e na saúde humana na região de Santa Cruz do Sul – RS. Santa Cruz do Sul: Edunisc, 2006, p. 170-95.

GIOVENARDI, Eugênio. **Os pobres do campo**. Porto Alegre: Tomo, 2003. 96 p.

GUÉRIN, François et al. **Compreender o trabalho para transformá-lo: a prática da ergonomia**. São Paulo: Edgard Blucher, 2001.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA – IBGE. **Brasil, grandes regiões e unidades da Federação**. Rio de Janeiro, 2002. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/economia/agropecuaria/censoagro/brasil_2006/Brasil_censoagro2006.pdf>. Acesso em: 13 nov. 2013.

INSTITUTO BRASILEIRO DE PESQUISAS – IBRAP. **Pesquisa de Produtores de Fumo**. julho de 2000. Porto Alegre: Ibrap. 2000.

JANTSCH, Ari Paulo. **Pequeno (ainda) agricultor e racionalidade educativa**. Florianópolis: Núcleo de Publicações (UFSC/CED), 2001. 252 p.

KARNOPP, Erica. Desafios e perspectivas para o desenvolvimento de uma agricultura familiar sustentável: o caso da região do Vale do Rio Pardo (Brasil). **Actas L. de V.**, Varsóvia, 2003. Disponível em: <<http://www.wgsr.uw.edu.pl/pub/uploads/actas03/10-ERICA.pdf>>. Acesso em: 2 nov. 2013.

KIST, Benno Bernardo et al. Acima das expectativas. In: **Anuário Brasileiro do Tabaco**. Santa Cruz do Sul: Editora Gazeta Santa Cruz, 2012. Disponível em: <<http://www.anuarios.com.br/>>. Acesso em: 13 ago. 2013.

LEPPAN, Wardie; LECOURS, Natacha; BUCKLES, Daniel. **Tobacco Control and Tobacco Farming: Separating Myth from Reality**. Disponível em: <<https://www.idrc.ca/en/book/tobacco-control-and-tobacco-farming-separating-myth-reality>>. Acesso em: 4 maio 2017.

MARCH, James Gardner; SIMON, Herbert Alexander. **Teoria das organizações**. Rio de Janeiro: FGV, 2. ed. 1970, 353 p.

MAXIMIANO, Antonio Cesar Amaru. **Teoria geral da administração: da revolução urbana à revolução digital**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2007, 491 p.

MEIRELES, Manuel; SANCHES, Cida. **ST-ODA: Strategic Trade-Off Decision Analysis** – Processo de tomada de decisões gerenciais multicritério subordinadas à vantagem competitiva. São Paulo: FACCAMP, 2009, 154 p.

NARDI, Jean Baptiste. **O fumo brasileiro no período colonial: lavoura, comércio e administração**. São Paulo: Brasiliense, 1996, 432 p.

NEVES, Nanete. **Lavoura dourada: a saga dos produtores de tabaco do Sul do Brasil**. São Paulo: Évora, 2010, 176 p.

NORTH, Douglass. Entendendo o processo de mudança econômica. Clássicos Liberais. **Revista Banco de Ideias**, n. 46. 2009, 18 p.

PEREIRA, Maria José Lara de Bretas; FONSECA, João Gabriel Marques. **Faces da decisão: as mudanças de paradigmas e o poder da decisão**. São Paulo: Makron Books, 1997. p. 275.

PERONDI, Miguel Angelo et al. Prospecção de meios de vida alternativos ao cultivo do tabaco no Sudoeste do Paraná. **Cadernos de Ciência & Tecnologia**, Brasília, v. 28, p. 675-95, 2012.

PRIEB, Rita Inês Pauli. **Pluriatividade na produção familiar fumageira**. Santa Cruz do Sul: Edunisc, 2005, 195 p.

ROBBINS, Stephen P. **Comportamento organizacional**. São Paulo: Pearson Prentice Hall, 11. ed. 2005. 463 p.

SCHNEIDER, Sergio. **Agricultura familiar e industrialização: pluriatividade e descentralização industrial no Rio Grande do Sul**. 2. ed. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2004. 205 p.

SEFFRIN, Guido. **O fumo no Brasil e no mundo**. Santa Cruz do Sul: Afubra. 1995, 186 p.

SILVA, Leonardo Xavier da. **Análise do complexo agroindustrial fumageiro sul-brasileiro sob o enfoque da Economia dos Custos de Transação**. 2002. Tese de doutorado. Faculdade de Economia, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2002.

_____ et al. **Descrição e análise do perfil socioeconômico das áreas e dos produtores de fumo em folha no Sul e no Nordeste do Brasil: um estudo baseado nos resultados do censo agropecuário 2006**. (Relatório de pesquisa). Brasília, 2013. Disponível em: <<http://www.ufrgs.br/pgdr/arquivos/resultpesq/2.pdf>>. Acesso em: 2 dez. 2013.

SILVEIRA, Daiani et al. Estatísticas. In: **Anuário Brasileiro do Tabaco**. Santa Cruz do Sul: Editora Gazeta Santa Cruz, 2010. Disponível em: <<http://www.anuarios.com.br/>>. Acesso em: 13 ago. 2013.

SILVEIRA, Rogério Leandro Lima da. **Complexo agroindustrial do fumo e território: a formação do espaço urbano e regional no Vale do Rio Pardo – RS**. 2007. Tese de doutorado. Faculdade de Geografia, Universidade Federal de Santa Catarina, 2007.

_____; DORNELLES, Mizael. Mercado mundial de tabaco, concentração de capital e organização espacial: notas introdutórias para uma geografia do tabaco. **Scripta Nova** (Barcelona), v. XVI, p. 338, 2010. SIMON, Herbert Alexander. **Comportamento administrativo: estudo dos processos decisórios nas organizações administrativas**. 2. ed. Rio de Janeiro: Fundação Getulio Vargas, 1965, 311 p.

_____. **A capacidade de decisão e de liderança**. 2. ed. Rio de Janeiro: Fundo de Cultura, 1972, 79 p.

VARGAS, Marco Antônio. Cultivo do tabaco, agricultura familiar e estratégias de diversificação no Brasil: uma análise comparativa em áreas de cultivo de tabaco no Vale do Rio Pardo. In: SILVEIRA, Rogério Leandro Lima da (Org.). **Tabaco, sociedade e território: relações e contradições no Sul do Brasil**. Santa Cruz do Sul: Edunisc, v.1, p. 123-56, 2013.

_____; OLIVEIRA, Bruno Ferreira de. Estratégias de diversificação em áreas de cultivo de tabaco no Vale do Rio Pardo: uma análise comparativa. **Revista de Economia e Sociologia Rural** (Impresso), Brasília, v. 50, p. 157-74, 2012.

VOGT, Olgário Paulo. **A produção de fumo em Santa Cruz do Sul, 1849-1993**. Santa Cruz do Sul: Edunisc, 1997, 283 p.

VOSS, Rita de Cássia Ribeiro. Cognição e valores: dois aspectos da educação. **Ciências & Cognição** (UFRJ), Rio de Janeiro, v. 14, p. 255-64, 2009. Disponível em: <http://www.cienciasecognicao.org/pdf/v14_1/m318328.pdf>. Acesso em: 3 out. 2013.

WORLD BANK. **Curbing the Epidemic: Governments and the Economics of Tobacco Control**. Washington, DC. 1999. Disponível em: <http://www-wds.worldbank.org/external/default/WDSContentServer/WDSP/IB/2000/08/02/000094946_99092312090116/Rendered/PDF/multi_page.pdf>. Acesso em: 12 nov. 2013.

ZOTTI, Cleimary Fatima. **Meios de vida alternativos à cultura do tabaco nos municípios de Capanema e Planalto – PR**. 2010. Dissertação de mestrado. Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Rural, Faculdade de Economia, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2010.